

Mulheres Portuguesas na Europa. Abertura ao Europeísmo no século XX

Isabel Baltazar, PhD

Investigadora Integrada CEIS20-UC

E-mail: ibaltazar@fcs.unl.pt

Resumo

Este estudo tem como objectivo revelar as Mulheres Portuguesas e Europeias que contribuíram para a construção europeia. Em Portugal, são de destacar as figuras de Vasconcelos, Elina Guimarães e Maria de Lourdes Pintasilgo. A primeira participou na discussão sobre o Projecto Federal Europeu de Aristides Briand, no seio da Sociedade das Nações. A segunda, na mesma época, mas em Portugal, revelou conhecer bem a discussão sobre o projecto europeu, através da página Feminista da Revista *Portugal Feminino*. Maria de Lourdes Pintasilgo, a mulher com projecção nacional e internacional, conciliou o pragmatismo político com a reflexão sobre a Europa, ficando na história de trinta anos de integração de Portugal na Europa. A nível europeu, refira-se a figura de Louise Weiss, a europeísta convicta e as reflexões de Maria Antonietta Macchiocchi sobre a Europa.

Palavras-chave: Mulheres; Europa; Portugal; Ideia de Europa; Construção Europeia

Abstract

This study aims to reveal the Portuguese and European women who contributed to the construction of Europe. In Portugal, Irene de Vasconcelos, Elina Guimarães and Maria de Lourdes Pintasilgo. The first took part in the discussion on the European Federal Project Aristides Briand, within the League of Nations. The second, at the same time, but in Portugal, revealed familiar with the discussion of the European project through in *Portugal Feminino*. Maria de Lourdes Pintasilgo, women with national and

international projection, conciliated political pragmatism with reflection on Europe, with the thirty-year history of integration of Portugal in Europe. At European level, refer to the figure of Louise Weiss, the pro-European conviction and the reflections of Maria Antonietta Macchiocchi on Europe.

Keywords: Women; Europe- Portugal; European Idea; European Construction

Este estudo surgiu no contexto de uma investigação de fundo sobre a temática europeia, particularmente sobre os fundamentos de uma Europa unida, essa Europa cuja herança chegou ao século XXI, com avanços e recuos, mas cujos alicerces foram edificados e desenvolvidos durante o século XX, por mulheres portuguesas e europeias. Em Portugal, são de destacar as figuras de Vasconcelos, Elina Guimarães e Maria de Lourdes Pintasilgo. A primeira participou na discussão sobre o Projecto Federal Europeu de Aristides Briand, no seio da Sociedade das Nações. A segunda, na mesma época, mas em Portugal, revelou conhecer bem a discussão sobre o projecto europeu, através da página Feminista da Revista *Portugal Feminino*. Maria de Lourdes Pintasilgo, a mulher com projecção nacional e internacional, conciliou o pragmatismo político com a reflexão sobre a Europa, ficando na história de trinta anos de integração de Portugal na Europa. A nível europeu, refira-se a figura de Louise Weiss, a europeísta convicta que, ao lado de Aristides Briand, defendeu a unidade europeia de forma tão convicta e assumida que, justamente, ficou para a história como a “Avó Europa”. E as reflexões de Maria Antonietta Macchiocchi sobre a Europa são a afirmação da necessidade vital de uma Europa da Cultura para o futuro do projecto europeu.

Eis-nos, assim, confrontados com um objecto de estudo que tinha como enfoque os fundadores da Europa, muitas vezes designados por “Pais da Europa”, e que envolvia as figuras do século XX, que metodologicamente dividimos em dois momentos distintos, que correspondem à passagem da Ideia da Europa (primeira metade do século) à efectiva Construção Europeia (a partir de 1950). Na sequência deste trabalho, fomos descobrindo muitas figuras que contribuíram para fazer a Europa, umas conhecidas, outras menos conhecidas, e algumas até ausentes da bibliografia sobre a temática¹. Neste processo de investigação foram aparecendo Mulheres que mostravam ter tido um papel decisivo na construção europeia. Estas permaneciam, quase na total invisibilidade

¹ A este propósito refiram-se, a título de exemplo, as clássicas obras de Gérard Bossuat, *Les Fondateurs de l'Europe*, Paris, Éditions Bélin, 1994 e a de François Saint-Ouen, *Les grandes figures de la construction européenne*, Genève, Georg Éditeur, 1997.

e só eram reveladas, no caso de Louise Weiss, porque aparecia ao lado de Aristide Briand, o conhecido estadista, portanto ao lado de protagonistas da História, ou assinando páginas da imprensa, que nos davam conta da sua existência, mas que, muitas delas, ainda permanecem por revelar, como Elina de Guimarães. Assim, fomos constituindo uma base de dados, desta vez, no feminino, e a partir da qual nasceria o projecto “Pioneiras na Construção da Europa”. É um projecto, sem dúvida arrojado, devido à grande invisibilidade destas mulheres na sociedade e, por isso, à escassez das fontes disponíveis, que nos obriga a caminhar, como a própria Europa, pelo “método dos pequenos passos”. No entanto, é um desafio que se revela fascinante pelas contínuas descobertas que a viagem pela Europa nos vai proporcionando, muitas vezes com encruzilhadas, que conduzem a novos caminhos e à revelação de outras mulheres que vamos acrescentando à investigação. Neste labirinto o fio condutor é, sempre, dar visibilidade às mulheres que pensaram a Europa, sendo ou não protagonistas da sua história. Em síntese, este trabalho tem como principais objectivos compreender a evolução da ideia de Europa ao longo do século XX, sobretudo durante a primeira metade de século, para dar visibilidade à participação feminina na reflexão sobre a Europa e o seu futuro. Nesta investigação será mostrado que as mulheres, para além de um olhar sobre a situação europeia do seu tempo, apresentaram ainda a sua posição sobre os acontecimentos, expressa quer na esfera privada quer na esfera pública. O seu protagonismo revelar-se-ia surpreendente pela participação em organizações internacionais, nomeadamente na SDN. Este envolvimento continuaria durante a segunda metade do século, participando plenamente no processo da construção europeia e que permanece durante o século XXI. Também em Portugal. Antes e depois da integração de Portugal na Europa: os 30 Anos de Integração dão continuidade à participação das Mulheres Portuguesas na discussão e reflexão sobre o Projecto Europeu.

Louise Weiss (1893-1983). Reflexões sobre as Memórias de uma Europeia

O pioneirismo de Louise Weiss na Construção Europeia é muito importante ser referido para compreender o europeísmo das Mulheres Portuguesas na primeira metade do século XX, que a reconhecem uma protagonista na História da Construção Europeia e uma referência para o seu próprio percurso. Louise Weiss foi uma figura que conviveu de perto com os “pais da Europa”, apresentando um projecto original, e muito actual,

sobre a necessidade de construir uma Europa da Cultura, uma Europa com os Europeus, ou seja, dar uma “alma” à Europa. Esta visão nasceu de um percurso multifacetado, marcado pelas viagens desta europeia, cuja mundividência lhe permite perceber a possibilidade de uma unidade europeia, apesar dos conflitos mundiais que enfrenta. Acredita numa “Europa Nova”, nos efeitos de uma “Escola da Paz”, e num feminismo representado pela “Nova Mulher”. Louise Weiss, a Europeia, empreende todos estes combates: o combate pela construção da Europa, o combate pela paz e o combate pelos Direitos da Mulher.

Um percurso invulgar

Para além da faceta europeísta de Louise Weiss², é fundamental mostrar o seu percurso de vida tão variado que justifica ser-lhe atribuído o “título” de “a Europeia” e a sua convicção de que a unidade da Europa e dos europeus era uma necessidade. Esta crença é fundada numa experiência de vida muito rica, também extra-europeia, portanto, a partir do contacto directo com a vida e não uma ideia ensaiada teoricamente. Como diz Maria Manuela Tavares Ribeiro, num interessante estudo sobre esta figura que intitulou, precisamente, de “Louise Weiss – Viagens de uma Europeia”, “Louise Weiss percorre, em múltiplas viagens, o mundo em plena transformação. Conhece e dá a conhecer outras civilizações, outros povos, outras culturas”³.

Naturalmente, esta diversidade geográfica, cultural e religiosa, muito contribuíram para a formação de um espírito aberto à unidade na diversidade, princípio fundamental da cultura europeia. Desde cedo, conviveu com esta realidade, o que lhe permitiu ter uma visão aberta da unidade europeia e, mesmo, de uma unidade da humanidade. Afinal, não será esta uma mulher de fronteiras, como foram outras figuras lapidares da Europa, como Coudenhove-Kalergi, Jean Monnet, Robert Schuman e Adenauer? Ou, melhor, uma Mulher sem Fronteiras, que acredita verdadeiramente numa unidade europeia, também com contornos geográficos, que eliminam todas as fronteiras artificiais traçadas entre os povos?

Curiosamente podemos constatar como os grandes impulsionadores da União Europeia não se tornaram europeus por nascimento, ou seja, por herança, mas essa

² Leia-se a obra de Célia Bertin, *Louise Weiss*, Paris, Albin Michel, 1999. Para além da europeia, esta grandiosa obra é a biografia mais completa que conhecemos sobre esta figura.

³ *Idem, Ibidem*, p.115.

herança que constitui a sua história familiar, muito contribuiu para cada um ser aberto à diversidade e universalidade. O seu espírito cosmopolita foi impulsionado pela sua própria vivência.

Também Louise Weiss. A mais velha de três irmãos, nascidos em 1894, 1896 e 1899, e de duas irmãs, uma do ano de 1903, e outra, que nasce em plena primeira guerra, em 1916, quando Louise já se encontra em acção pacifista. Na verdade, a sua profunda aliança seria com todos os grandes combates do século XX. Durante a Primeira Grande Guerra estaria ao lado dos sobreviventes de guerra, socorrendo os feridos evacuados da frente de combate em Saint-Quay Portrieux, no Norte da Bretanha. Também acompanhou o pai, adjunto do ministro das obras públicas, a Bordeaux, para apresentar ao governo o projecto comum de partilha de recursos de carvão e de aço entre a França e a Grã-Bretanha. Refira-se que seria nesta altura que Louise Weiss falaria a Jean Monnet sobre o espírito europeu. Todos os projectos estavam, aliás, ao serviço de um interesse vital fundamental: aumentar os recursos que permitiriam intensificar o esforço de guerra.

A Europeia - *Combats pour l'Europe*

Louise Weiss é uma mulher visionária da necessidade de uma Europa Unida, percebendo que esta unidade não pode fundamentar-se em interesses económicos, mas, em valores lapidares que fazem parte de uma consciência europeia. Numa entrevista de Paul Collovald a Louise Weiss, compreendemos a Europa que esta mulher idealiza: “Si les Européens prenaient conscience de ce fonds commun de culture qui existe depuis le Moyen Age, (...) je crois que cette prise de conscience faciliterait la solution des questions purement matérielles; parce que l’on parlerait entre gens qui ont le même but fondement et pour lesquels les questions économiques s’inscrivent en leur temps dans un cercle restreint et qui doivent chacune recevoir une solution, mais inspirée de cette culture et aidée par elle. En somme, l’idéal serait, (...) que chaque Européen se disse: je suis Européen et Italien; je suis Européen et Anglais, que la spécificité qui forme la richesse de notre civilisation reste comme l’apanage des patries, et que ces patries se sentent indissolublement liées par une manière de penser et de sentir qui aboutit en fin de compte, et en trois mots, à la defense des droits de l’Homme”⁴.

⁴ Louise Weiss, Entrevista de Paul Collovald, de 18 de Julho de 1979, citada em *Louise Weiss L'Européenne*, Lausanne, Fundação Jean Monnet, Centro de Investigações Europeias, 1994, p.507.

Trata-se de uma Europa da Cultura, uma Europa unida a partir das suas raízes culturais- a civilização greco-romana e o cristianismo. Como diz Edgar Morin, na obra *Cultura e Barbárie Europeias*⁵, o século XX assistiu a três antídotos culturais europeus – totalitarismo soviético, nazismo e fascismo –, as bárbaries europeias, que coexistiram com uma cultura europeia que, embora, sem visibilidade histórica, permitiu sair da bárbarie para reencontrar a velha Europa que, passo a passo, se reergueu pela força do seu humanismo. No fundo, é necessária a capacidade de pensar a bárbarie europeia para a ultrapassar, para evitar o pior, sempre possível no futuro. É necessário reflectir sobre a relação complexa entre cultura e bárbarie, para melhor lhe resistir: “É a uma nova reivindicação humanista que devem conduzir as trágicas experiências do século XX: que a bárbarie seja reconhecida pelo que é, sem simplificações de qualquer espécie. O importante não é o arrependimento mas sim o reconhecimento. Este reconhecimento tem de passar pelo conhecimento e pela consciência. É necessário saber o que realmente se passou, ter consciência da complexidade desta colossal tragédia. Este reconhecimento deve respeitar todas as vítimas: Judeus, Negros, Ciganos...Arménios, colonizados da Argélia ou de Madagáscar. Este reconhecimento é necessário se pretendemos ultrapassar a bárbarie europeia. É necessário ser capaz de *pensar* a bárbarie europeia para ultrapassá-la, pois o pior é sempre possível”⁶

Esta realidade foi vivida e sentida com muita intensidade por Louise Weiss. Foi a partir dela que pensa esta realidade europeia para architectar os *Combats pour l'Europe*⁷, ou seja, as vias necessárias para edificar uma nova Europa. Ela tinha presenciado os grandes acontecimentos do século para aprender a lição, também interiorizada por outro vulto da época, Hans-Georg Gadamer, quando reflecte a *Herança e Futuro da Europa*: “Com os meus oitenta e cinco anos, sou um dos filhos mais velhos do século, de cuja *inspecção* trata esta série de conferências. Vivi esta época tempestuosa desde os meus anos de infância até hoje e, por isso, posso ser considerado uma testemunha, não com a pretensão de falar dos acontecimentos políticos e sociais como especialista, mas como uma testemunha que recorda tudo o que aconteceu com o objectivo de averiguar qual a relação que a filosofia – ou seja, o campo

⁵ Edgar Morin, *Cultura e Barbárie Europeias*, Lisboa, Instituto Piaget, 2007.

⁶ *Idem*, *Ibidem*, p.71.

⁷ Louise Weiss, *Mémoires d'une Européenne. Un Combat pour l'Europe*, Lausanne, Fondation Jean Monnet Pour l'Europe. Centre de Recherches Européennes, 1984.

sobre o qual tenho algo a dizer – tem com a situação de todos nós, com os nossos temores, as nossas esperanças e as nossas expectativas”⁸.

Estas palavras foram vividas e sentidas, também, por Louise Weiss. Foi este o seu tempo. Ela foi uma “testemunha” de um tempo tumultuoso. Contra todas as tempestades, ela assume esses “combates pela Europa”. Para nós, os leitores, a grande lição é ficar com a consciência de que todas as teorias precisam de uma sustentabilidade social e política. Não ter a ilusão da possibilidade de inventar um futuro para a Europa, sem ter consciência dessa realidade europeia. Não desligar o pensamento da prática vivida. Enfim, não criar uma torre de marfim ou, como diz Gadamer, “o mito da torre de marfim onde vivem os teóricos é uma fantasia irreal. Todos nos encontramos no meio da estrutura social”⁹. Tanto este autor, como a nossa protagonista, Louise Weiss, sobreviveram a duas guerras mundiais e sofreram as suas consequências. Não admira, portanto, que não caíam na tentação da torre de marfim. Os combates de Louise têm origem em acontecimentos vividos e gravados na memória. Como se interrogava Hofmannstahl: “*De que serve ter visto muitas coisas?*”¹⁰. Ou, como confia Gadamer: “Assim, ficou gravado na minha memória o momento em que rebentou a guerra de 1914, quando exclamei com a primeira leviandade de um rapaz curioso: “*Que bom!*”¹¹, e o meu pai respondeu com a testa franzida: “*Não sabes o que dizes*”¹².

Também Louise convive com esta realidade, para perceber o processo de unidade europeia pós-Primeira Guerra e a efectiva construção europeia a seguir à Segunda Guerra. Durante a Primeira Grande Guerra estaria ao lado dos sobreviventes de guerra, socorrendo os feridos evacuados da frente de combate em Saint-Quay Portrieux, no Norte da Bretanha. Também acompanhou o pai, adjunto do ministro das obras públicas, a Bordeaux, para apresentar ao governo o projecto comum de partilha de recursos de carvão e de aço entre a França e a Grã-Bretanha. Refira-se que seria nesta altura que Louise Weiss falaria a Jean Monnet sobre o espírito europeu. Todos os projectos estavam, aliás, ao serviço de um interesse vital fundamental: aumentar os recursos que permitiriam intensificar o esforço de guerra.

⁸ Hans- Georg Gadamer, *Herança e Futuro da Europa*, Lisboa, Edições 70, 2009.

⁹ *Idem, Ibidem, p.7.*

¹⁰ *Idem, Ibidem, p.8.*

¹¹ *Idem, Ibidem.*

¹² *Idem, Ibidem.*

Por isso, ela sempre mostrou entender a Europa em que viveu e, também, vislumbrava um futuro para além dos tempos vividos. Ela teve a oportunidade de acompanhar as transformações europeias e de ter a capacidade de antecipar o futuro. Essa vidência ou dom de ver o futuro da Europa estava ligado ao conhecimento profundo do passado, à vivência dos grandes acontecimentos do seu tempo e, conseqüentemente, à capacidade de “prever” ou antecipar o futuro. A fórmula para esta possibilidade é sempre associar o passado ao presente, para saber com o que temos de contar.

Louise Weiss foi a mulher europeia que usou o método descrito anteriormente, dando-lhe a capacidade de lançar um olhar retrospectivo para poder olhar para a frente. Afinal, este “dom visionário” não requer uma competência especial, mas, apenas, pensar com profundidade a partir da experiência e dos conhecimentos que a realidade oferece.

A época de juventude de Louise foi vivida entre as duas guerras mundiais, com a possibilidade de reflectir no período entre-guerras. O fim de um conflito deu a possibilidade de ter optimismo no futuro, ou um sentimento de sobrevivência ou sopro vital de quem observou uma tragédia. Por outro lado, a fé numa solução pacífica e a crença no progresso das nações e da humanidade. É certo que nem sempre esta europeia terá sentido o europeísmo; muitas vezes, é nestes momentos que desponta o maior espírito patriótico. Mas todos os Estados da Europa, bem como todos os europeus, a seguir ao entusiasmo inicial, percebem a necessidade vital de uma unidade de estados e de povos para salvaguardar o bem comum – a paz.

Durante a Primeira Grande Guerra, Louise viveu activamente todos os acontecimentos. Curiosamente, ela acabaria por intervir directamente na guerra, como “enfermeira” de campo, e de conviver com os maiores estadistas que procuravam encontrar um caminho para a paz, sobretudo Aristide Briand, a quem viria a chamar de “peregrino da paz”. Também conviveu com membros da independência checoslovaca, nutrindo um verdadeiro fascínio por figuras como o eslovaco Milan Stefanik e os checos Masaryk e Eduard Benes, este último secretário-geral do “Conselho Nacional dos Países Checos”, formado em Paris para preparar a independência e pedir aos aliados a destruição da Áustria-Hungria.

Profundamente marcada pela hecatombe e pela profunda amplitude de destruição da Primeira Guerra Mundial, aliás como toda a sua geração, Louise Weiss participa activamente na construção europeia participando no movimento intelectual que militava

para uma paz federativa na Europa. Para esta europeia, europeísmo, universalismo e pacifismo eram inseparáveis.

Louise continuaria o seu combate criando a *Nova Escola da Paz*, que seria inaugurada a 3 de Novembro de 1930, em Paris, sob a presidência de Paul Painlevé, matemático e antigo chefe do Governo Francês (1917 a 1925). Esta Escola Superior era de carácter privado, mas estava ligada à Academia de Paris. Tinha como objectivo cooperar na construção da paz, através de um estudo científico dos meios que a garantissem. Esta escola não atribuía diplomas nem funcionava de um modo académico: organizava um conjunto de conferências anuais pagas, que funcionaram inicialmente nas instalações da revista *Europa Nouvelle*, em Orsay, e posteriormente no anfiteatro Richelieu na Sorbonne. Estiveram presentes os maiores especialistas de Relações Internacionais, políticos, economistas, escritores e jornalistas, para falarem de temas dominantes para a época e determinados anualmente: SDN (1930-1931), Projecto de União Europeia (1931-1932), Crise Mundial (1932-1933), Poder e Evolução de Estados (1933-1934), Evolução da Europa (1934-1935). Para além da teoria, muitos participaram como observadores nas sessões da SDN, através de bolsas de viagem a Genebra onde compreendiam os assuntos em discussão e o funcionamento daquela organização.

Apesar de todas as dificuldades e impasses de organizações como a própria SDN, Louise não desiste e tenta, por todas as formas, resistir ao nazismo que vai mostrando as suas consequências. Decide criar, em Fevereiro de 1939, um Comité de refugiados para ajuda às pessoas perseguidas pelo regime nazi, sobretudo judeus, na Alemanha e na Europa Central, convidando outras personalidades a associarem-se a este combate. Como secretária-geral deste comité, intervém a favor dos passageiros de Saint-Louis que transportava um milhão de judeus alemães provenientes de Hamburgo e repelidos de Cuba. Consegue convencer o governo francês a acolher um quarto dos passageiros, sendo os restantes refugiados repartidos por Inglaterra, Bélgica e Países Baixos.

Os seus combates não terminariam. Durante a Segunda Guerra Mundial, quando a França foi invadida, tornou-se militante activa da Resistência, tendo como pseudónimo Valentine (agente 1410). É, ainda, membro da rede *Patriam Recuperare* e editora e chefe do jornal clandestino *La Nouvelle Republique*. A libertação e o seu combate contra o nazismo mostram a tenacidade de Louise Weiss. Com o sociólogo Gaston Bouthoul cria o Instituto de Polemologia com o objectivo de estudar os efeitos sociais

das guerras. Todos os seus combates eram inspirados pela sua vida. Uma vida pautada por uma grande capacidade de observação e pela riqueza das suas viagens.

L'Europe Nouvelle

Louise Weiss acabaria por conciliar todo o seu saber quer pela observação quer pelo contacto com as mais ilustres figuras europeias, dedicando-se ao jornalismo. Esta vocação nascera, certamente, de tempos tão ricos, que convidavam ao exercício desta profissão. Louise Weiss seria uma jornalista política, na vertente da política internacional. O mais interessante na vida desta jornalista é a visão de que pelo jornalismo podia transformar o mundo. No fundo, não seria este outro combate pela Europa? Como a própria afirmava muitas vezes, pretendia criar uma “ciência da paz”, através dos seus escritos na imprensa. Acreditava na reorganização da Europa e no poder dos meios de comunicação. Assim, em 1917, iria propor a Yacinthe Philouze, um milionário, um apoio financeiro para a criação de uma Revista de Informação sobre a Europa, que se chamaria *L'Europe Nouvelle*¹³. Tinha 25 Anos. Estaria na direcção da Revista *L'Europe Nouvelle* desde o seu primeiro número, 12 de Janeiro de 1918, até 1934. Foi a fundadora desta revista semanal de política internacional e francesa, que tinha como ideário ser um instrumento científico para a paz e a cooperação na Europa. Esta revista de ideias e documentação pretendia estudar as condições de vida política, económica e social da Europa. O ideal era grande demais para as possibilidades reais da Nova Europa, e a revista teria uma vida curta, e, talvez por se dirigir, apenas, às elites, ainda mais curta seria a direcção de Louise Weiss na *L'Europe Nouvelle*.

É de salientar que Louise Weiss se especializou na publicação de textos sobre os grandes tratados internacionais e actas das sessões da *Sociedade das Nações* (SDN) em Genebra. Na direcção da revista, Louise fez inúmeras viagens ao continente devastado para assistir e participar nas grandes conferências internacionais realizadas com esse propósito, visitar e estudar os novos países ou estados nascidos a seguir à guerra, para

¹³ *L'Europe Nouvelle*. A colecção completa desta revista está microfilmada e para consulta no Museu Louise Weiss.

reflectir sobre o declínio da Europa. Foi uma das primeiras jornalistas a reunir-se em Moscovo, em 1921, onde se encontra com os grandes revolucionários russos.

A Revista *L'Europe Nouvelle* não pretendia apenas divulgar essa *Nova Europa*, mas, também, intervir propondo novas vias para edificar uma Europa verdadeiramente nova. Muitas vezes Louise Weiss conseguiu usar a sua revista como um meio de “travar” determinados meios políticos e intelectuais ou para reconciliar os países europeus e impedir uma nova guerra. São tratados temas como a arbitragem e a cooperação entre os Estados por intermédio da SDN, o desarmamento, os projectos de união europeia e a política de reaproximação franco-alemã, cujas linhas fundamentais vinham sendo apresentadas por Aristide Briand, então Ministro dos Negócios Estrangeiros, a partir de 1921.

É de referir que foi no período entre-guerras que Louise Weiss teve o encontro fundamental com o Ministro Francês, no âmbito da 5ª Assembleia Geral da SDN, a 1 de Outubro de 1924, onde conhece figuras como Léon Bourgeois e Joseph Paul-Boncour. Nessa altura, Louise Weiss ficaria muito impressionada com a apresentação de um Projecto de Protocolo relativo à arbitragem, à segurança e ao desarmamento, por Aristide Briand. Segundo o próprio, França estava pronto para o ratificar num discurso que invocava a paz como objectivo fundamental. Louise expressava a grande admiração e sintonia de ideais com aquele estratega. Tanto Aristide Briand como Louise Weiss, acreditavam, de facto, que uma Europa Unida seria a melhor garantia de paz para o continente. Para ambos, esta união passava pela reconciliação franco-alemã, que acabaria por se concretizar com a assinatura do Pacto de Locarno, em Outubro de 1925, e com a admissão da Alemanha na SDN, em Setembro de 1926. A política em prol da paz na Europa é favorecida, anos mais tarde, pelo pacto Briand-Kellog, pacto de renúnciação à guerra assinado em Agosto de 1928. No ano anterior, Aristide Briand era eleito como presidente de honra do movimento pan-europeu, criado em 1921 por Richard de Coudenhove-Kalergi. Nessa qualidade, Briand viria a propor iniciativas à SDN com vista à unificação da Europa. A este propósito, refira-se o discurso programático de 1929 sobre a União Federal Europeia e o consequente Memorandum Briand de 1930 enviado aos governos europeus, pedindo-lhes uma resposta sobre as propostas apresentadas.

Todos os passos apresentados foram seguidos por Louise Weiss, quer nos bastidores da diplomacia, como grande observadora, quer nos artigos que ia publicando na revista que dirigia. Esta europeia seguia e apoiava as propostas apresentadas por Aristide

Briand. Todos tinham em comum um projecto europeu, que o apresentavam por vias diferentes: o político pela via da diplomacia europeia, a jornalista tendo como alvo a opinião pública, quer em artigos escritos para o efeito, quer, também, pela sua *Escola da Paz*. Por todas as vias, Louise Weiss defendia ideias pioneiras sobre a construção europeia. Neste contexto, para além das ideias de cooperação económica intereuropeia, um mercado comum, uma moeda única, uma Europa Unida como superpotência mundial, para além de uma missão civilizacional no contexto da mundialização. O grande combate de Louise era mostrar a pertinência de uma cultura europeia comum.

Em suma, Louise Weiss apoiou inteiramente o Projecto de União Federal Europeia, apresentado por Aristide Briand na Assembleia Geral da Sociedade das Nações (1929)¹⁴. Refira-se, no entanto, que este projecto terminaria com a morte do próprio Aristide Briand (1932). Louise Weiss não podia continuar um projecto da esfera diplomática, mas conseguiu continuar a mostrar as virtualidades de uma União Europeia. Lamentava que o projecto Briand não tivesse êxito entre os estados europeus e ter de assistir a um momento de impasse na realização da unidade europeia. Aliás, para além da desilusão com o fraco entusiasmo europeu, Louise também se sentia decepcionada com os resultados da SDN. Esperava que esta organização internacional conseguisse maiores realizações e, sobretudo, que se revelasse um organismo capaz de prevenir os conflitos pelo direito e no âmbito do qual desejava a criação de um organismo europeu.

Todos os artigos da Revista *L'Europe Nouvelle* iam acompanhando essa *Nova Europa* expressa em artigos de opinião, notícias sobre o assunto, mas, também, e curiosamente, as obras de artistas como Van Dongen, Vlaminck, Dunoyer de Ségonzac, DufyCapiello, Mathurin Meheut, Albert Brabo ou Chana Orloff. Estes artistas faziam parte da cultura tão considerada como pedra lapidar por Louise Weiss. Entre os colaboradores, podemos encontrar nas páginas da revista nomes como o próprio Aristide Briand, Léon Blum ou Paul Valéry.

Em 1919, em desacordo com Yacinthe Philouze, o mecenas da revista *L'Europe Nouvelle*, foi para Praga onde passou alguns meses como correspondente do jornal *A Informação*. Aí encontraria a nova classe política checoslovaca, saída da recente independência deste país, conhecendo figuras como Eduard Benes e Milão Stefanik,

¹⁴ Cfr. Henri Rieben, “De la Société des Nations à L’Europe communautaire. En suivant les pas de Jean Monnet et de Louise Weiss”, prefácio in *Louise Weiss. L’Européenne*, Lausanne, Fondation Jean Monnet pour l’Europe, Centre de Recherches Européennes, 1994.

permitindo-lhe melhorar o seu conhecimento da Europa Central: viaja por Varsóvia, Budapeste, Viena e Bratislava. A 28 de Junho desse ano, Louise Weiss faria a cobertura da sessão oficial da assinatura do Tratado de Versalhes.

Regressando a Paris, Louise dedica-se totalmente à sua Revista, a qual dirige até 1934, a partir da qual a situação internacional se altera e o rumo da História caminha em sentido bem inverso ao ideal de Louise Weiss de uma Europa Unida. Uma utopia para o seu tempo? Um sonho para o futuro? Ela própria tem consciência disso, quando escreve o texto “Adieux aux lecteurs”, a 3 de Fevereiro de 1934, o seu último artigo editorial¹⁵. Esta despedida significa o seu profundo desencanto. Os estados estão bem longe da cooperação e da unidade, e a ideia de salvaguardar a paz parece, cada vez mais, em perigo. Os sinais eram evidentes: o malogro da conferência do desarmamento de 1932 e o advento do nazismo na Alemanha. Louise não desistia e tentava, por todos os meios, denunciar Hitler, o nazismo e a perseguição dos judeus na Alemanha. A própria opinião pública não correspondia aos esforços de Louise Weiss e dos europeístas. Pelo contrário, manifestava-se cada vez mais hostil à ideia de unidade europeia. O combate de Louise pela paz estava cada vez mais ameaçado. Toda a conjuntura internacional era desfavorável aos seus ideais. Com a consciência de que as suas teses não tinham futuro imediato, Louise suspende as conferências na sua escola (1936). Mas não desiste da ideia fundamental de salvaguardar a paz, vindo a fundar, anos mais tarde, o Instituto para a Ciência e a Paz, sediado em Estrasburgo. A sua vida seria um combate pela paz. Até ao fim.

Uma pioneira na Construção da Europa

Podemos considerar Louise Weiss como uma pioneira na construção da Europa. Este pioneirismo não foi, apenas, feminino, mas um pioneirismo humano numa Europa dilacerada e que precisava urgentemente de reconstrução. Muitas figuras europeias propunham planos de reconstrução europeia: económica, militar e de segurança. Entre estas encontravam-se homens de governo e intelectuais que acreditavam nas virtualidades de uma unidade europeia. Os primeiros estavam sobretudo preocupados em resolver as questões económicas, ou seja, o custo da guerra. Entre os segundos, muitos se associavam aos movimentos federalistas, dando continuidade ao legado de

¹⁵ Louise Weiss, “Adieux aux lecteurs”, in *L'Europe Nouvelle*, 3 de Fevereiro de 1934, p.1.

Coudenhove-Kalergi. Poucos pensavam na Europa a partir da sua grande herança histórica, para desses alicerces construir uma Europa da Cultura.

Louise Weiss anunciaria, muito antes do século XXI, a actual preocupação dos ministros europeus: dar uma alma à Europa. Foi essa a conclusão dos *Encontros para a Cultura na Europa*, em Paris (2005), que pretenderam afirmar a dimensão cultural da Europa, na sequência da *Conferência de Berlim* do ano anterior, intitulada precisamente *Dar uma alma à Europa*. Foi o reconhecimento de que, na hierarquia dos valores, a cultura está acima da economia, e, se esta é uma necessidade da vida, são os valores culturais que sustentam a verdadeira vida. Essa já tinha sido a conclusão dos subscritores do *Apelo de Florença*, convencidos que depois da unidade económica e monetária, tinha chegado a hora do pensamento europeu se pronunciar. Para construir uma Europa politicamente unida, antes de mais, era necessária a difusão de um forte pensamento sobre a Europa. Afinal, já em 1975, Louise escrevia entristecida: “L’Europe: ele se sait une âme. Or, ele ne parle que serpentes, cochons et vinasse. Le serpent est monétaire. Les cochons sont bouffis de maïs et de betteraves compensés. Sa vinasse est frelatée. De l’homme européen, de sa prise de conscience, de sa formation communautaire, de son apport spécifique à une idéologie universelle, il n’est guère question”¹⁶.

Todavia Louise não desistia e acreditava na possibilidade de realização do seu ideal europeu. O seu europeísmo tornava-se realidade pelo “método dos pequenos passos”, preconizado por Robert Schuman e inspirado por Jean Monnet. Louise Weiss viveria o tempo suficiente para presenciar a *Declaração Schuman* de 9 de Maio de 1950, e seguir a evolução das Comunidades Europeias. A sua entrega à causa europeia seria homenageada da melhor maneira: aos 86 anos, Louise Weiss seria eleita, como candidata gaulista, para o Parlamento Europeu, nas primeiras eleições por sufrágio directo universal. Estávamos em Junho de 1979.

Louise Weiss iria exercer o cargo de deputada desde essa data que, segundo a sua confiança, seria o dia mais bonito da sua vida. Simbolicamente, e em reconhecimento pelos seus combates pela Europa, seria ela a presidir à sessão inaugural da nova assembleia parlamentar, no dia 17 de Julho de 1979. Afinal, era ela própria a decana do Parlamento Europeu. Com grande satisfação, encontra como Presidente outra mulher: Simone Veil, outra pioneira na construção da Europa.

¹⁶ Louise Weiss, *Mémoires d’une Européenne, Tempête sur l’Occident*, t. VI, Paris, Albin Michel, 1976, p.512.

Nessa altura, pronunciaria um discurso inaugural sobre a História, a Cultura e a Diversidade da Europa, prestando homenagem aos grandes europeus: políticos – de Carlos Magno a De Gaulle; escritores como Valéry; filósofos -Voltaire e Kant; cientistas –Einstein; juristas – Grotius; visionários –Keyserling e Coudenhove-Kalergi-, e, finalmente, a todos os pais fundadores da Europa em que vivemos – Monnet, Schuman, De Gasperi. Louise Weiss recordava, assim, todos os que a precederam a todos os que, como ela, acreditavam na Europa. Esta Europa só fora possível por todos os esforços empreendidos pelos europeus. Este discurso era uma lição de história. Mas, ao mesmo tempo, era, também, mostrar que o passado tinha sido uma herança para o presente e para construir a Europa do futuro. Por isso, aproveita para lançar um forte apelo à unidade da Europa. Nesse futuro, Louise Weiss antecipa três problemas fundamentais: a identidade, a natalidade e a legalidade: “Pour quelles tristes raisons votre assemblée ne vivrait-elle que les yeux fixés sur les Traités de Paris et de Rome? Sans y contrevenir, elle pourrait, en sa souveraineté morale sur la chose européenne publique, se saisir des problèmes cruciaux qui les transcendent, encore plus importants que ceux de la monnaie et de l'énergie. J'en ai cerné trois (...) Identité, natalité, légalité. L'Europe ne retrouvera son rayonnement qu'en rallumant les phares, les phares de la conscience, de la vie et du droit. Vous en détenez les étincelles”¹⁷.

Louise Weiss tinha consciência de que a Europa não podia edificar-se só pela via económica e jurídica. Para ser um projecto com futuro, teria de se preocupar com a sua identidade. A propósito da identidade diz: “Non pas d'identité entendue comme similitude, mais d'identité comprise comme perception profonde de soi. L'insuffisante participation de l'électorat européen à la consultation qui nous a créés prouve combien il est urgent de le résoudre. Impossible de concevoir une Europe sans Européens (...). Les institutions communautaires ont fait des betteraves, du beurre, des fromages, des vins, des veaux, voire des cochons européens. Elles n'ont pas fait d'hommes européens. Ces hommes européens existaient au Moyen âge, à la Renaissance, au siècle des Lumières, et même au XIXe siècle. Il faut les refaire déjà la jeunesse s'en charge, circulant sac au dos, ignorant les frontières. Déjà les villes jumelées ont créé un réseau d'hommes et de femmes allergiques aux conflits passés et qui se savent liés au destin de leur continent. Mais dans leur ensemble, les écoles ne suivent pas, en dépit de réalisations exceptionnelles, telles à Bruges”¹⁸.

¹⁷ *Idem, Ibidem.*

¹⁸ *Idem, Ibidem.*

A sua mensagem era histórica, política e cultural. A sua dedicação como europeia foi merecedora da atribuição do seu nome ao edifício do Parlamento Europeu, em Estrasburgo, em 1999. Para além de ficar na história da construção europeia, o seu nome ficaria na memória de todos os europeus que com ela viveram, e nos que se seguiram e podem seguir o seu exemplo; não esquecido porque a todo o momento recordado a quem visita o edifício onde se discute o futuro da Europa. Também seria homenageada pela Universidade de Estrasburgo (1999), pela atribuição do Prémio Robert Schuman e de Grande Comendador da Legião de Honra, apenas atribuído anteriormente a duas mulheres. Para além disso, a sua visibilidade permanece perpetuada pela sua Fundação Louise Weiss e pela Associação Europeia dos Amigos de Louise Weiss¹⁹, que procuram manter o dinamismo da própria.

As viagens pelo mundo permitem-lhe observar, estudar e reflectir sobre as causas dos diferentes conflitos mundiais. Na Europa, Louise Weiss viveu os grandes conflitos mundiais para ser evidente o objectivo fundamental de salvaguardar a paz. Fora da Europa, Louise conseguia visualizar uma unidade europeia intrínseca, para além de todas as aparentes (também reais) divisões. Por isso, entendia a unidade na diversidade. Aceitava a herança europeia para construir o seu futuro.

Irene de Vasconcelos, uma “Europeísta” Portuguesa

Não são muitos os vultos portugueses que conseguem na mesma época de Louise Weiss, a projecção de Irene de Vasconcelos, e, será seguramente uma das poucas mulheres portuguesas preocupadas com a Europa e uma das únicas com projecção internacional. É, por isso, pelo menos estranho não passar do anonimato, embora as páginas que assinou na imprensa portuguesa sejam paradigmáticas do seu espírito superior e da sua acção enquanto jornalista. Outros textos haverá, não menos significativos, que revelem as suas ideias sobre a Europa, já que proferiu inúmeras conferências em Portugal, Brasil, Paris, Havana, México e Bucareste. De qualquer forma, embora de forma incompleta, é percebida com clareza a ideia de Europa veiculada nas páginas dos jornais, concretamente no *Diário de Lisboa*, fonte escolhida nestas páginas.

¹⁹ Veja-se Jean Leclant, “Introduction”, in *Louise Weiss. L'Européenne, op. cit.*, na altura Presidente da Associação Europeia dos Amigos de Louise Weiss.

A participação na política internacional (1923-1932)

Irene de Vasconcelos conseguiu a proeza de presenciar os principais acontecimentos no mundo e, particularmente, na Europa, através da sua condição de jornalista. A sua actividade foi tão intensa e brilhante como tinha sido a sua vida académica. O seu protagonismo fica bem evidente quando verificamos que foi correspondente do *Diário de Lisboa*, em Paris, da *Nation* (Madrid) e de *El Mundo* (Havana). Colaborou ainda, de forma esporádica, no *Diário de Notícias*, em *La Nation* (Buenos Aires), *L'Independence Roumaine*, *Ahora* e *Excelsior* (México). Nessa qualidade de jornalista participou na política internacional como uma observadora privilegiada, a acrescentar o facto de ser, também, correspondente de Portugal na Sociedade das Nações. Fica evidente que a sua escrita jornalística muito ganhou com tanta proximidade da realidade noticiada, e que a sua ideia de Europa foi arquitectada a partir de uma realidade vivida. Para além de presenciar os factos que fizeram a história da política internacional, a jornalista arganilense teve ainda a oportunidade, ou o mérito, de entrevistar os Homens que fizeram essa história: Benés, presidente da Checoslováquia, Albert Thomas, presidente do Bureau Internacional do Trabalho, Mota, presidente da República Suíça, Paul Boncour, Stresemann, Austin Chamberlain, Mussolini, Mauriac, Jules Romains, André Maurois, Primo de Rivera, Conde Appony (Hungria), General Machado, presidente da República de Cuba, Bratiano, primeiro-ministro da Roménia, Marienetti, Bottai, Ministro das Corporações do fascismo Italiano, Rainha Maria da Roménia e Rei Fuad do Egipto. Só a sua competência podia permitir o acesso a tão destacadas figuras. É, ainda, de referir que durante um período de agitação em Espanha, entrevistou os principais impulsionadores do movimento republicano, Marañón, Osório y Gallardo, Fernando de los Rios, Indalécio Prieto, Sanchez Guerra, Conde de Romanones, Marcelino Domingo e Alcalá Zamora.

Escreveu centenas de artigos sobre Política Internacional, bem elucidativos da sua visão da Europa e do Mundo. Foram cerca de dez anos intensos em que Irene de Vasconcelos mostrou as suas grandes capacidades na percepção dos acontecimentos e na forma como os noticiava, com uma profundidade de análise e uma capacidade de síntese admiráveis. Denotava um grande interesse pelo mundo em que vivia, um envolvimento nas grandes causas que se discutiam na época, ultrapassando muito os acontecimentos internacionais que enchiam as primeiras páginas dos jornais, captando,

também, as lutas difíceis e menos visíveis, nomeadamente no domínio da afirmação dos Direitos da Mulher, que naquela época pretendiam triunfar.

Ficariam célebres as suas "Cartas de Paris", publicadas com regularidade no *Diário de Lisboa*, onde se percebiam as suas próprias ideias sobre a política nacional do momento. É de referir que o tema da moda à época era os assuntos europeus, já que se realizavam as várias sessões da Sociedade das Nações, organização onde também se discutia o futuro da Europa. A sua condição de observadora permitiu-lhe a escrita de crónicas elucidativas sobre o espírito e o corpo daquela organização. Assistindo às sessões da Sociedade das Nações em Londres, Haia, Madrid e Colónia, no período entre 1923 e 1932, as páginas que escreve sobre o assunto nos jornais, especificamente no *Diário de Lisboa*, evidenciam essa proximidade. A ideia de uma Europa Unida parecia agradar à jornalista portuguesa que não consegue esconder o seu próprio pensamento quando escreve. Acreditava nos "Estados Unidos da Europa".

Uma Paz Garantida por uma Sociedade das Nações?

Irene de Vasconcelos integra-se numa época marcada pelo ideal de uma Europa Unida, nascido da experiência da primeira guerra que mostrara ser necessário conservar a paz. A Europa perdera a hegemonia que gozara no passado. A Europa depois de Versalhes tem consciência da sua fragilidade, ou, como dizia Paul Valéry, "nós, civilizações, sabemos *agora* que somos mortais"²⁰. Essa literatura nascida em torno do tema do *Declínio da Europa*²¹, teria como contraponto político, os tratados de 1919 que pretendiam a todo o custo evitar uma nova guerra. A Sociedade das Nações seria o meio encontrado para garantir a paz, uma paz por muitos designada de "Paz Podre", "Paz Falhada" ou "Paz Ilusória"²² mas, no entanto, palco de discussão da situação mundial e especificamente europeia. Foi no período entre-guerras que Irene de Vasconcelos escreveu as páginas objecto deste estudo, tempo em que a palavra de ordem era preservar a Paz. Tempo em que havia a consciência de crise europeia e de mal-estar da civilização. Tempo em que o pessimismo era um sentimento novo: "um estremeamento extraordinário percorreu a espinha da Europa. Nem tudo está perdido, mas tudo se sentiu perecer. Será que a Europa se tornará *naquilo que é na realidade*, ou seja: um

²⁰ Paul Valéry, *Variété 1 e 2*, Paris, Gallimard, 1978, p.13.

²¹ Esta expressão foi, aliás, usada como título por Alberto Demangeon, geógrafo, numa obra publicada em 1920, mas muitos outros autores assim designaram o período pós primeira guerra.

²² Ver J.-B. Duroselle, *L'Europe de 1815 à nos jours*, Paris, PUF, 1970, p.157.

pequeno cabo do continente asiático? Ou continuará a Europa a ser *o que parece*, ou seja: a parte preciosa do universo terrestre, a pérola da esfera, o cérebro de um amplo corpo?"²³ Era o *Declínio do Ocidente*²⁴ como bem observara Spengler, justificando a crise de uma civilização que, tal como tudo o que tem vida, nasce, cresce, ganha maturidade e morre: "Uma cultura morre quando a alma realizou a soma inteira das suas possibilidades sob a forma de povos, línguas, de doutrinas religiosas, de artes, de Estados, de ciências (...). Quando o objectivo é atingido e a ideia foi levada até a bom fim, quando a quantidade total das possibilidades interiores se realizou no exterior, a cultura imobiliza-se bruscamente, morre, o seu sangue jorra, as suas forças quebram-se - torna-se civilização. É isso que sentimos e entendemos pelas palavras egípcianismo, bizantismo, mandarinismo"²⁵. Agora foi o Ocidente que cumpriu um destino, seguindo uma concepção cíclica da história. Muitos outros vultos, das mais diversas áreas se questionaram face ao presente sombrio da Europa. Huxley em o *Admirável Mundo Novo* ou Freud em *Mal-Estar da Civilização* são dois exemplos. Muitos outros sentem e manifestam das mais diversas formas a crise da civilização.

Irene de Vasconcelos viveu e presenciou as tentativas esboçadas nos anos vinte, realizadas no seio da Sociedade das Nações. Conhecia, certamente, as ideias pan-europeístas de Richard Coudenhove-Kalergi e assistiu às tentativas políticas levadas a cabo por Aristides Briand na própria Sociedade das Nações. É curioso que a sua própria intervenção jornalística teria o seu auge no próprio ano da morte de Briand (1932) e com ele do próprio sonho europeu.

A jornalista portuguesa testemunhou todos os esforços de criação de uma Europa Unida ou, como intitulavam os mais optimistas, os "Estados Unidos da Europa", título que a própria dará aos seus textos. Várias iniciativas pareciam acompanhar as palavras de Coudenhove-Kalergi expostas na célebre obra *Pan-Europa: o caminho da Europa* chama-se Pan-Europa e significa que a Europa deve ajudar-se a si mesma constituindo, com um *objectivo prático*, uma união *político-económica*. Além de uma conferência pan-europeia, de um tribunal arbitral, de uma união alfandegária estava, ainda, projectada uma constituição europeia, a constituição dos "Estados Unidos da Europa".

Uma *União Pan-Europeia* seria, também, criada por Kalergi para acompanhar o seu livro, sendo o primeiro movimento federalista da Europa. Muitos políticos seguiriam

²³ Paul Valéry, op.cit., pp.13-14.

²⁴ Oswald Spengler, *Le Déclin de l' Occident*, 1917-1920, Paris, Gallimard, 2 vols., 1948.

²⁵ Idem, *ibidem*, p.114.

as suas ideias: Briand, Caillaux, Blum, Herriot, Painlevé, Paul-Boncour, Daladier, Albert Thomas, Édouard Benès, Konrad Adenauer, Paul Loebe, Francesco Nitti, conde Sforza e Nicolas Politis. Tantos outros intelectuais seriam seduzidos pelo projecto de uma Europa Unida: Albert Einstein, Thomas Mann, Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke, Paul Claudel, Paul Valéry, Jules Romains, Miguel de Unamuno e José Ortega y Gasset.

Seria o dia 1 de Outubro de 1926, a data fundamental para a apresentação e discussão do projecto de uma Europa Unida, que teve lugar no Congresso Pan-Europeu realizado em Viena. Sob as efígies de Sully, Comenius, Abbé de Saint-Pierre, Kant, Mazzini, Victor Hugo e Nietzsche e com seis presidentes de honra diferentes, este acontecimento mostrara a aliança de políticos e de intelectuais num fim comum. Irene de Vasconcelos conhecia muitas destas destacadas figuras, tendo até entrevistado muitas delas. Aristides Briand continuaria o percurso iniciado, envidando todos os esforços políticos para tornar realidade uma ideia que se revelava generosa. Além de continuar a presidência do Congresso Europeu no ano seguinte, dois anos mais tarde, em 1929, apresentaria formalmente na Sociedade das Nações o que ficaria conhecido como *Memorando Briand*.

O projecto de união federal europeia era vivido por Irene de Vasconcelos, e, curiosamente, na mesma época, por uma outra mulher, Louise Weiss, que acompanhava de perto as iniciativas de Briand. Também era jornalista, e acreditava na construção Europeia. Uma Europa construída pelos Europeus, ou, não faria qualquer sentido. Duas mulheres que se poderiam ter cruzado, vivendo no mesmo tempo, país e interessadas pelos mesmos assuntos, que transmitiam pelo jornalismo político que as unia, também, na profissão. Ambas acompanharam o desenrolar do projecto de uma Europa Unida que culminou na Sociedade das Nações, onde o projecto pretendia tornar-se realidade, muito antes da sua possibilidade. Serão possíveis os "Estados Unidos da Europa"? Uma questão com resposta incerta setenta e sete anos depois, um sonho dos europeístas por realizar.

A Ideia de "Estados Unidos da Europa"

A de "Estados Unidos da Europa" não aparece duma só vez. É esboçada pouco a pouco, à medida que essa ideia é apresentada nas assembleias da Sociedade das Nações, muito particularmente por Aristides Briand. No entanto, Irene de Vasconcelos não se

limita a apresentar uma ideia; pensa sobre ela e forma uma opinião sobre a ideia de criação dos "Estados Unidos da Europa". As suas páginas têm de ser lidas distinguindo a apresentação dessa ideia, da posição da autora sobre a mesma que, muitas vezes, aparece de forma muito subtil. A conclusão sobre o europeísmo da jornalista portuguesa pode fazer-se a partir do tom entusiasmado com que apresenta a ideia de uma federação europeia ou das reflexões que faz sobre a mesma.

No estudo das páginas da imprensa da autoria de Irene de Vasconcelos, duas crónicas são, explicitamente, sobre os "Estados Unidos da Europa". A primeira, data de 26 de Setembro de 1928, e tem o mérito de preencher a primeira página do *Diário de Lisboa*. Esse facto revela o interesse que o tema tinha em Portugal ou, pelo menos, que o país não estava afastado das preocupações europeístas que, na época, originavam grande produção cultural sobre a temática, quer na imprensa, quer em opúsculos, livros e conferências que evidenciavam a simpatia por aquele ideal. A crónica em questão tinha como título, "A ideia da criação dos Estados Unidos da Europa", e tinha como objectivo mostrar o alcance das assembleias da S.D.N. Nos corredores da Assembleia encontram-se os propagandistas dessas ideias, procurando harmonizá-las com os princípios da S.D.N. O movimento para a formação dos Estados Unidos da Europa, apesar do nacionalismo quase doentio dalguns países, vai alastrando e encontrando partidários em todo o mundo. Movimento de paz e de concórdia, nenhum como ele se encontra tão à vontade dentro dos ideais pregados pelo Presidente Wilson. Foi em 1923 que se fundou um centro europeu, tendo por fim a aproximação dos povos da Europa, com esta divisa: *É preciso realizar a unidade do nosso continente para podermos chegar à paz definitiva*²⁶.

A jornalista lembra o Conde Coudenhove-Kalergi e o seu espírito internacionalista. É muito interessante o acesso da portuguesa às mais destacadas figuras tendo até falado com o fundador da União Pan-Europeia. O conde austríaco além de lhe falar do seu projecto europeu, apresentou-lhe, ainda, as figuras políticas de apoio onde constam os nomes de Briand, Poincaré, Herriot e Loucheur. Nesta página são transcritas as próprias palavras de Kalergi, num extracto da entrevista feita directamente pela própria. Irene de Vasconcelos vivia bem no meio dos acontecimentos e mostrava saber aproveitar as circunstâncias para divulgar em português o projecto europeísta. Nestas linhas ficamos a saber que em França a adesão à ideia pan-europeia era grande, por parte dos políticos

²⁶ Irene de Vasconcelos, "A ideia da criação dos Estados Unidos da Europa", in *Diário de Lisboa*, 26 de Setembro de 1928, p.1, sublinhados nossos.

que estavam no poder, além de professores e homens de ciência; na Alemanha, o partido socialista tinha no seu programa a formação dos Estados Unidos da Europa, além dos democratas e uma parte do Centro Católico, incluindo o partido "populiste" na pessoa do senhor Stresemann; Coudenhove-Kalergi tinha consciência de que na Inglaterra a Pan-Europa não tinha tantos adeptos, contando com a simpatia de Lord Robert Cecil e Emmery; na Itália também não havia grande adesão, ao contrário de Espanha, onde a ideia tinha grandes progressos, incentivada por figuras como Primo de Rivera. A Pan-Europa ultrapassara as fronteiras da Europa e chegara ao Japão, América do Sul e Estados Unidos da América, existindo mesmo em New York um "Comité of the Paneuropa Union". A crença de que só o pan-europeísmo seria capaz de unir as forças europeias, de que era necessário um Exército Europeu e um Tribunal Supremo Europeu era partilhada pela cronista do *Diário de Lisboa*. As suas palavras finais são significativas: "Deixo aos leitores os comentários sobre as declarações do conde Coudenhove-Kalergi. O que me parece oportuno é recordar que Portugal não deve manter-se à margem deste movimento"²⁷.

O segundo artigo que tem como título os "Estados Unidos da Europa" aparece a propósito da iniciativa de Aristides Briand em propor uma espécie de laço federal entre as nações, na décima assembleia da S.D.N. É escrito a 5 de Setembro de 1929 e publicado no *Diário de Lisboa* cinco dias mais tarde, com o título "A política mundial. Os Estados Unidos da Europa e o último discurso de Briand pronunciado na S.D.N."²⁸, onde a jornalista invoca a aparente fragilidade de Castelar e a força dos seus discursos, semelhante a Briand cujo carisma surpreende: "Os mais contrários às suas ideias admiram-no, e há aqui muitos jornalistas que não querem ouvi-lo, receando deixarem-se perturbar pelo encanto sugestivo da sua palavra"²⁹. Palavras que se dirigiam para as pessoas certas no momento certo, no ano anterior para a Alemanha e neste para a Grã-Bretanha. O seu projecto de "Federação Europeia" precisava de contar com o apoio de determinados países para ganhar credibilidade, muito difícil de conseguir.

Durante o ano, formar-se-á talvez um *comité* para estudar o projecto que deve ser apresentado à próxima Assembleia. Mais uma ideia de Briand! Mais uma fantasia! - ouvimos nós de todos os lados e a todos os momentos. Pouco lhe falta para lhe chamarem revolucionário, subversivo, e todas aquelas palavras que estão em moda

²⁷ Idem, ibidem.

²⁸ Irene de Vasconcelos, "A política mundial. Os Estados Unidos da Europa e o último discurso de Briand pronunciado na S.D.N.", in *Diário de Lisboa*, 10 de Setembro de 1929, p.3.

²⁹ idem, ibidem.

dizer-se, sempre que se pretende atacar uma iniciativa ou uma audácia. No entanto, e talvez como nunca, o presidente do ministério francês apresenta uma ideia construtiva e conservadora. A frase *Federação Europeia* só é nova na boca dum homem de Estado. O seu mérito está em ter compreendido que chegou a hora de realizar as concepções que até hoje floresceram apenas nos espíritos dos filósofos e dos poetas³⁰.

Palavras que mostram a simpatia da própria Irene de Vasconcelos pela ideia de "Estados Unidos da Europa" e admirar a coragem do homem de estado retomar a ideia de "Pátria Europeia" e de "República Universal" de Fénelon, ou de outros como Diderot, Montesquieu e sobretudo Victor Hugo que defenderam a necessidade de uma Europa Unida. Irene também acredita que um dia os *Estados Unidos da Europa* serão realidade: "Só eles, os grandes espíritos podem ir mais longe do que a realidade presente, prevendo e adivinhando o futuro. O que pertence agora ao domínio da poesia pode tornar-se amanhã numa realidade"³¹. O futuro parecia previsível face ao "nobre projecto de Briand", que nas palavras da jornalista consistia em "unir os países europeus, substituindo o interesse colectivo do continente aos interesses particulares das formações nacionais que o constituem"³². Só assim seria possível evitar uma nova guerra: "E não é isto uma questão de vida ou de morte para a Europa? Eu creio que sim"³³. Para Irene de Vasconcelos, para criar uma federação europeia era necessário resolver primeiro a grande crise económica. Era também essa a convicção de Briand, segundo julga: "Não é justamente pela resolução dos problemas económicos que Briand pretende chegar à realização do seu projecto - os Estados Unidos da Europa?"³⁴. Para a cronista o balanço da décima sessão da SDN é positivo: "E o que dirão depois os cépticos e os detractores? O que dirão aqueles que se riram do meu entusiasmo, quando em 1924, passando aqui pela primeira vez, iniciei a minha colaboração no *Diário de Lisboa*, quando quase todos ignoravam em Portugal o que se passava em Genebra?"³⁵ O seu entusiasmo tinha razão de ser; a Sociedade das Nações parecia cumprir o fim para que tinha sido criada - manter a paz- e os estados europeus pareciam cada vez mais unidos, a caminho dos "Estados Unidos da Europa":

³⁰ *Idem, ibidem.*

³¹ *Idem, ibidem.*

³² *Idem, ibidem.*

³³ *Idem, ibidem.*

³⁴ Irene de Vasconcelos, "De Genebra. A décima Assembleia da Sociedade das Nações e quais foram os seus trabalhos", in *Diário de Lisboa*, 4 de Outubro 1929, p.7, sublinhados nossos.

³⁵ *Idem, ibidem.*

Não me admiraria de ouvir também chamar à reunião deste ano - **Assembleia das ideias novas**. Sem falarmos da questão dos Estados Unidos da Europa que nos aparece como o anúncio duma era nova na história das relações internacionais, quase podíamos dizer que cada país tem um alvitre a dar à Assembleia, uma crítica a formular, uma reclamação a fazer...Outrora, evitavam-se as críticas e as queixas, temendo abalar o edifício que ainda se não encontrava assente em bases sólidas. Hoje, já ninguém receia atingir os alicerces do organismo de Genebra. Eles são já bastante fortes para permitir todas as transformações, melhorias e embelezamentos³⁶.

Todos os textos problematizam os acontecimentos, evidenciam alguém que tem consciência da necessidade de uma Europa Unida. A sua apologia dos *Estados Unidos da Europa* não se fundamenta numa moda: é um ideal consciencializado a partir de uma realidade vivida. Apesar de aplaudir a ideia dos *Estados Unidos da Europa*, a autora destas crónicas mostra muitas dúvidas quanto à possibilidade da sua realização. Por isso, o seu *européismo* contrasta com uma atitude de precaução sentida constantemente: “Que o europeu de 1926 nada esqueceu – é talvez uma verdade. Ele sabe que, desde sempre, para obter a paz, ele tem tido necessidade de preparar a guerra”³⁷. E acrescenta: “ Esta lição da História não será um obstáculo a uma acção pacífica? Para se desejar ardentemente qualquer coisa, é necessário antes de mais nada, julgá-la possível. E o passado, com as suas lições e os seus exemplos, não se apresentará diante do europeu de 1926 como um obstáculo a todo o espírito criador?”³⁸. Irene de Vasconcelos tinha consciência de que um jornalista de política internacional tinha um papel que ultrapassava o de mero observador e relator dos acontecimentos. Ela própria era um exemplo das suas palavras. O jornalismo conduz a todas as carreiras, uma vez que se possa sair dele- dizia um célebre escritor francês. Que ele leva à diplomacia e à política é que nós observamos na Assembleia de Genebra. Todos os delegados se confessam antigos jornalistas, todos consideram *esse crime* de escrever e assinar artigos, pelo menos na mocidade. (...) Sem o jornalismo – disseram todos os oradores que tomaram a palavra no nosso almoço – não viveria a S.D.N., não se difundiriam as grandes ideias, não haveria atmosfera própria para a solução dos problemas que ainda estão

³⁶ *Idem*, "Em Genebra. A 10ª reunião da S.D.N. ficará sendo conhecida pela assembleia da cláusula facultativa", in *Diário de Lisboa*, 16 de Setembro de 1929, p.7.

³⁷ Irene de Vasconcelos, “Carta de Paris. A próxima conferência do desarmamento e a atitude da Rússia, da Suíça e dos Estados Unidos”, in *Diário de Lisboa*, 21 de Abril de 1926, p.7.

³⁸ *idem, ibidem*.

preocupando a Europa. Nunca o jornalismo teve tanta importância como hoje³⁹. Não seria ela própria um exemplo das suas palavras? Uma jornalista, uma mulher política, uma diplomata; sem cargos mas cumprindo o destino. O jornalismo era uma arma poderosa. O jornalismo podia mudar o mundo. Essa era a sua missão. Para isso vivia e escrevia. Um discurso de uma lucidez impressionante e de uma actualidade inquestionável. Pronunciado com tanta distância temporal e que encontraria ecos no século seguinte. Pelo jornalismo mostrara a exequibilidade de uma Europa Unida. Muitos não acreditavam. Desconfiavam das virtualidades daquela organização mundial e ainda mais da realidade de uma União Federal Europeia. Afinal, o Memorando Briand aguardava a resposta dos Estados. Esse seria outro capítulo da história que Irene de Vasconcelos teria para contar. Entretanto, aquela mulher acreditava na União Europeia e via mais longe: no horizonte, à semelhança de Victor Hugo, estariam os "Estados Unidos do Mundo". O seu europeísmo tinha um carácter, acima de tudo, pacifista. A política estava ao serviço da humanidade. A Europa Unida numa Sociedade de Nações Unidas. Eis o ideal de Irene de Vasconcelos, uma mulher de frágil aparência, mas de um espírito muito vivo e gentil, como reconheceu Joaquim Manso, director do *Diário de Lisboa*, em 1923, quando a visitara no Hotel *Boulevard Raspail*, local onde residia. Paris seria a sua cidade adoptiva. Tinha de viver até ao fim na Cidade, sonhada por Victor Hugo, capital dos "Estados Unidos da Europa".

Elina Guimarães, a *Europeia*: um olhar sobre a Europa a partir de Portugal

Foi no periódico *Portugal Feminino* que Elina Guimarães escreveu sobre Aristides Briand. Com o título "Briand" e inserido na página Feminista, durante a maior parte dos números da sua responsabilidade, teve como objectivo uma homenagem ao homem que lutou pela paz. Nesse sentido, a ilustração que acompanha o seu artigo, é justamente sobre a entrega das petições sobre a paz durante a Conferência do desarmamento, pelas representantes das Associações Feministas. Essa paz seria alcançada, segundo Briand, se fosse constituída uma *federação europeia*.

Elina Guimarães começando por enaltecer a sua figura, considerando-a moral e intelectualmente grande, tão grande que ultrapassa a sua própria pátria e consegue tocar a humanidade inteira. Precisamente por abraçar um ideal tão grande e nobre, atravessa

³⁹ Irene de Vasconcelos, "Carta de Genebra", in *Diário de Lisboa*, 20 de Setembro de 1928, p.1.

fronteiras e dirige-se à Europa em particular, mas a sua mensagem corre o mundo. A perda deste homem sem fronteiras é, agora, reciprocamente lembrada por todos, que vêem no homem de estado, diplomata e excelente orador, simplesmente, o *peregrino da paz*, como o designava Louise Weiss.

Assim, em tempos de materialismo brilha ainda mais o idealismo de um homem que proclamou até ao fim da vida a crença na fraternidade humana, e, conseqüentemente, a paz universal, julgada por muitos como impossível ou improvável. Mas as mulheres, diz Elina Guimarães, acreditando nessa suposta utopia, por viverem os custos humanos da guerra, aspiram por esse ideal. Briand tinha disso consciência. Sabia que a mulher podia contribuir decisivamente para a construção da paz, e, por isso, nos seus discursos apelava ao seu contributo, primeiro educando para a paz, depois, agindo pacificamente. E essa acção incluiu a propaganda pacifista por várias associações. Em 1930, seis dessas associações assinariam o “Apelo das mulheres aos Homens de Estado do Mundo Inteiro”, traduzido e publicado por 57 países. Dois anos depois, a 6 de Fevereiro, quinze associações feministas, coordenadas por Miss Dingman, fariam circular uma petição pacifista. Uma prova bem fundada da adesão à causa de Briand. Por último, palavras de reconhecimento e saudade: “E agora que da cena do mundo desapareceu essa grande figura, agora que o seu talento, o seu prestígio, a sua eloquência, não podem afugentar a sombra terrível que paira sobre todos os lares, cumpre mais do que nunca às mulheres continuar a sua obra ingrata e sublime.

No dia em que morreu Briand, viu-se nas ruas de Paris, o que não sucedera quando desapareceram outras glórias porventura mais populares: mulheres que choravam. Essas lágrimas, tributo de uma justíssima saudade, mostram bem como os corações femininos sabem compreender a missão sagrada, que Briand, o Pacifista, a nós todas confiou”⁴⁰.

Ser Europeia...⁴¹

Muito mais tarde, Elina Guimarães viria a assumir a sua simpatia pela causa europeia e pela participação de Portugal nessa Europa Comunitária. Nesse texto, publicado no jornal *O Primeiro de Janeiro*, de 12 de Abril de 1980, viria a congratular-se com a assinatura da Convenção Internacional sobre a eliminação legal da discriminação contra a mulher e com a entrada de Portugal na CEE. Está certa da

⁴⁰ Elina Guimarães, “Briand”, in *Portugal Feminino*, n. 27, 1932, p. 13.

⁴¹ *idem*, “Ser Europeia”, in *O Primeiro de Janeiro*, 12 de Abril de 1980, caderno mundo.

importância das mulheres, para além de geograficamente passarem, também, moralmente a fazerem parte da Europa. E, por outro lado, a Europa muito ganhará se a sua construção for feita não à margem mas com o apoio das mulheres. A prova já está dada com a presidência do Parlamento Europeu por Simone Veil afirma Elina: “Recordemos que o Parlamento Europeu é presidido por uma mulher, Simone Veil. E que a sua sessão inaugural foi, por merecida deferência, presidida pela veterana da União Europeia e das lides feministas, Louise Weiss. Nós portuguesas e o próprio país, teremos muito a ganhar quando pudermos unir a nossa voz a estas vozes altruístas”⁴². Elina Guimarães foi uma Mulher Portuguesa muito atenta à realidade europeia e que conheceu a figura de Louise Weiss, uma figura europeia que considerou um exemplo de defesa da causa europeia. Podemos considerar Elina como uma mulher que defende o projecto europeu e conhece as grandes figuras europeístas, desde Aristides Briand e Louise Weiss até à própria integração de Portugal na CEE, onde se afirma como uma Mulher Europeia.

Interrogações à Europa, por Maria Antonietta Macchiocchi

É paradigmático e de uma enorme actualidade, a obra de Maria Antonietta Macchiocchi, *Uma Mulher Interroga a Europa*⁴³, onde podemos encontrar uma profunda reflexão sobre a Europa e um conjunto de pertinentes interrogações sobre o europeísmo. Estas interrogações pretendem mostrar que o espírito europeu existe e garante a identidade europeia e o futuro da Europa. Esta mulher interroga a Europa deambulando pelo espaço europeu e conversando com os protagonistas sobre a Ideia de Europa e fundamentos para descobrir essa alma europeia, a partir da qual se pode edificar um projecto europeu com alicerces inabaláveis. Ao longo de mais de quatrocentas páginas, Maria Antonietta leva-nos a percorrer diversos locais, em tempos diferentes, povoados pelas mais emblemáticas personagens da História. Trata-se de uma viagem de uma Mulher que quer interrogar a Europa a partir das grandes figuras que construíram a Europa, mas também, dos cidadãos comuns que encontra no caminho: “Este não é um livro de história da ideia de Europa, porque nesse caso ficaria demasiado incompleto, mas sim a viagem de uma mulher que corre a Europa de um país para o outro de mala na mão, relendo a história passada para desta poder extrair algumas lições ou reflexões

⁴² *idem, ibidem.*

⁴³ Maria Antonietta Macchiocchi, *Uma Mulher Interroga a Europa*, Lisboa, D.Quixote, 1992.

para o dia de hoje, com o fim de delinear a constante procura de uma unidade cultural europeia nos espíritos mais eleitos”⁴⁴

Pelo caminho, levantam-se questões insignificantes à primeira vista, mas que adquirem uma grande importância quando analisadas no seu alcance e profundidade. Logo de início, Maria Antónia Macciocchi refere os cafés europeus e a sua importância enquanto espaços de sociabilidade tanto na história como na geografia europeia⁴⁵. Falar de Europa é falar destes espaços de sociabilidade para entrar mais profundamente no espírito europeu forjado pelas nações, religiões, identidades, línguas e diversidade cultural e política. Nesta diversidade, a autora interroga-se como encontrar a unidade europeia nesta diversidade, afirmando que são os valores europeus, a solução para uma identidade europeia. Tal como a construção europeia se iniciou, antes de mais, para preservar a Paz, também a Ideia de Europa tem nos seus fundamentos os ideais de paz, liberdade e defesa da dignidade humana, ou seja, um humanismo como pedra lapidar desta Europa.

Estes valores fundamentais têm de ser preservados e difundidos pelas Universidades, lugar de conhecimento e de saber, a quem cabe a formação do autêntico homem europeu. Só assim se formará a Europa do Espírito, a única capaz de congregar povos, nações e estados, de aglutinar a diversidade linguística, racial e religiosa. A Europa é a convergência da unidade nessa diversidade, pela percepção da sua verdadeira essência. Apesar de toda a multiplicidade, é necessário encontrar um fio condutor, um projecto europeu comum a todos os seus membros, só possível pela conciliação da resposta política com a resposta cultural. O problema da Europa reside no facto de todo o seu percurso histórico ter reconhecido mais as diferenças do que as identidades. É este o papel dos intelectuais no projecto europeu: encontrar uma Ideia de Europa que sirva de bússola para orientar o processo da Construção Europeia. Chegou o momento de ouvir as ideias daqueles que falaram da Europa em toda a sua história, recuperando a sua essência. É preciso encontrar uma Alma para a Europa, uma Europa da Cultura.

O “Cuidar” da Europa em Maria de Lourdes Pintasilgo

⁴⁴ *Idem, Ibidem*, p.101.

⁴⁵ A este propósito, refira-se, também George Steiner, *Ideia de Europa*, Lisboa, Gradiva, 2005. Este filósofo faz a apologia de que a Europa dos Cafés é um lugar de criação, de encontros e de cultura. Deles fazem parte a Europa e sem eles não teríamos a mesma vivência deste espírito europeu.

Por último, é de salientar o papel de Maria de Lourdes Pintasilgo na defesa de uma Europa Unida. Nestes 30 anos de integração, é de salientar o pensamento e a acção desta mulher portuguesa sobre o reforço da cidadania na Europa e do contributo das mulheres nesse processo. Para Lourdes Pintasilgo, é necessário um conjunto de transformações políticas e sociais na União Europeia: uma união dotada de um verdadeiro estatuto de entidade política e uma união verdadeiramente democrática. Esta democracia passaria pelo alargamento do conceito de cidadania. Diz ela: “Assiste-se actualmente na Europa a uma luta feroz visando o alargamento do conceito de cidadania como condição para uma União verdadeiramente democrática e dimensão indispensável de uma União Europeia dotada de um verdadeiro estatuto de entidade política. O Parlamento Europeu e a Comissão Europeia envidaram grandes esforços no sentido de incluir os direitos cívicos e sociais na revisão do Tratado de Maastricht. (...) Mas a Cimeira de Amesterdão, que incluiu no Tratado a Carta Social Europeia e o Protocolo Social e alargou o acordo de Schengen a doze Estados-membros, constitui apenas um pequeno passo deste processo”⁴⁶.

Lourdes Pintasilgo tem consciência que a ideia de uma cidadania europeia tinha como objectivo formar o embrião de uma Carta de Direitos- “Bill of Rights”- e que a Cimeira de Amesterdão ao incluir no Tratado, a Carta Social Europeia, constituiu apenas um pequeno passo deste processo. Ela que escutara em Congressos, Organizações Não Governamentais e Académicos, a ideia da necessidade uma cidadania activa e do envolvimento dos europeus no processo de construção europeia. Neles encontrara, também, uma forte vontade de ultrapassar barreiras e de construir uma União Europeia fundamentada numa unidade política. Como diz a autora: “Somente uma União assim poderia ajudar a construir um mundo multipolar, moldado pela diversidade de culturas e civilização”⁴⁷. O perfil desta cidadania europeia não está ainda aprofundado. Como faz notar Habermas, o passaporte europeu não está ainda associado aos direitos que constituem a cidadania democrática. É preciso, diz Lourdes Pintasilgo, representar os povos europeus e dar-lhe os direitos cívicos e sociais de uma cidadania democrática.

Reflexões Finais

⁴⁶ Maria de Lourdes Pintasilgo, *As mulheres, a cidadania e a sociedade activa*, in *Revista Crítica de Ciências Sociais* n.º50, Coimbra, Centro de Estudos Sociais (CES), 1998, p.3.

⁴⁷ Idem, *Ibidem*, p. 4.

Todas estas mulheres portuguesas mostraram conhecer e acompanhar de perto o percurso das mulheres europeias do seu tempo e, algumas, como Louise Weiss e Irene de Vasconcelos, cruzaram-se no mesmo tempo e espaço e defenderam um europeísmo que no fundamento tem a afirmação de uma ideia comum de paz e valores humanos universais. Nestes percursos multifacetados, de caminhos trilhados pela Europa e pelo Mundo, vislumbramos uma Identidade Europeia, uma unidade na diversidade. Esta visão da Europa não foi arquitectada a partir de teorias, mas, antes, a partir de experiências vividas no seu tempo. Uma experiência adquirida pelo contacto com civilizações europeias e outras fora do continente europeu e que determinariam a convicção de que a Europa existe como um todo, com uma cultura e um espírito comum.

Mulheres Portuguesas e Europeias participaram em organizações internacionais, nomeadamente, na Sociedade das Nações, assistindo à apresentação do Projecto de União Federal Europeia e participando na defesa de um europeísmo que se prolongaria durante a segunda metade do século até à actualidade. Este envolvimento foi tão intenso e fecundo que daria às Mulheres um papel fundamental no processo de Construção Europeia.

Deambulámos pelas principais figuras, portuguesas e europeias, que compreenderam que todo o processo de construção europeia se tinha feito de uma Ideia de Europa subjacente e fonte de uma Europa de integração e políticas europeias que evoluem ou sofrem desaires, mas que encontram nessa ideia de europa, a pedra lapidar para a sua reconstrução. Mulheres Portuguesas e Europeias deram visibilidade a esta Europa e participaram na sua reflexão. Para além de observarem e participarem na situação europeia do seu tempo, apresentaram ideias para o futuro da Europa.

Artigo Recebido a 30 de junho de 2016 | Aceite a 09 de outubro de 2016